

As Artes Plásticas na Sala de Aula

Iraní Braz Gouveia¹
Zeide Rodrigues Silva de Sales²
Maria Thereza Didier³

Resumo

Neste trabalho objetivamos investigar e analisar como as Artes Plásticas estão sendo vivenciadas em sala de aula e se as mesmas podem propiciar o ensino-aprendizagem no 2º ano, do 2º ciclo (4ª série). Selecionamos duas escolas da Rede Municipal de Ensino do Recife, localizadas nas comunidades do Ibura e Macaxeira, que incluíssem as Artes Plásticas nas suas práticas pedagógicas. Nos apropriamos de alguns instrumentos da pesquisa qualitativa, a observação e entrevista, que nos auxiliasse na nossa pesquisa. Trabalhamos conceitos e a trajetória do ensino da Arte no Brasil. Concluímos dizendo que as práticas observadas incluem as Artes Plásticas, estabelecendo o devido valor enquanto Arte, desenvolvendo no aluno não só o intelectual como também o emocional, na qual se resgata o lúdico, o prazer e a motivação no ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Artes Plásticas; Professor; Integralidade;

Introdução

O nosso interesse com o tema “As Artes Plásticas na sala de aula” surgiu a partir das experiências vivenciadas com as nossas intervenções nas Pesquisas e Práticas Pedagógicas, no ensino de História|Ciências|Geografia, nas quais buscamos, em nossa prática interdisciplinar, incorporar a arte, objetivando reforçar e valorizar a mesma como detentora de um valor específico e fundamental no resgate do lúdico para um melhor ensino-aprendizagem.

Diante das aulas ministradas, conseguimos perceber o quanto a Arte possibilitou a motivação e o envolvimento dos alunos, daí a nossa decisão em

¹ Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. iranigouveia@bol.com.br

² Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. zeide2k@hotmail.com

³ Orientadora e Profª adjunta do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Educação da UFPE. mariamoraes5@uol.com.br

investigarmos como as Artes Plásticas estão sendo vivenciadas em sala de aula. Além disso, acreditamos ser a Arte um campo fértil para a produção de conhecimento, a humanização e a transformação.

Se pretendermos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da Arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade. (BARBOSA, 1991, p. 5).

A Arte, assim, pode contribuir de maneira significativa para a formação do ser humano. Neste sentido, pretendemos com a nossa pesquisa, oferecer a nossa singela contribuição a todos os envolvidos com a educação e quiçá, levar a Universidade Federal de Pernambuco a refletir sobre a necessidade de se ter uma disciplina de Arte, não só nos cursos de formação de professores como na grade dos demais cursos oferecidos pela instituição.

Para a efetivação da nossa pesquisa, selecionamos para a coleta de dados, duas escolas pertencentes a comunidades diferentes e que incluem a Arte em sua Prática Pedagógica. Nossa público alvo foram os professores e alunos do 2º ano do 2º ciclo (4ª série) do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino do Recife. Foram realizadas observações e entrevistas semi-estruturadas com os membros participantes da nossa pesquisa. A mesma teve um caráter qualitativo, por objetivar compreender um universo de significados, valores e atitudes.

A seleção das escolas se deu da seguinte maneira: a Escola Municipal Poeta Paulo Bandeira da Cruz, localizada na comunidade do Ibura UR-2, foi escolhida por indicação, pois tivemos a informação que a mesma inclui a Arte em suas práticas pedagógicas. Já a Escola Municipal Nadir Colaço, localizada na comunidade da Macaxeira, foi escolhida por nós por fazer parte de uma comunidade que desenvolve projetos culturais através de uma ONG chamada Escola Pernambucana de Circo. Em relação às professoras, as mesmas foram indicadas pelos seus respectivos superiores (vice-diretora e coordenadora). Objetivamos com tudo isto investigar e analisar como as Artes Plásticas estão sendo vivenciadas na sala de aula e se propicia a melhoria do ensino-aprendizagem, contribuindo para que o aluno desenvolva o senso crítico e artístico, apreciando e valorizando legados culturais.

Em nosso trabalho focalizamos a Arte por acreditarmos na força que a mesma possui, desenvolvendo a sensibilidade, a auto-expressão e a percepção diante da realidade existente. A partir de nossas experiências, tanto na academia como fora dela, percebemos que uma boa parcela da sociedade está em contato com a Arte, mas não se dá conta do que ela representa e da sua importância, nos levando a crer que falta uma educação que priorize a Arte em sua especificidade e, assim, propiciando a todos uma formação integral. Sabemos que essa desvalorização e falta de formação está atrelada à história do ensino da Arte no Brasil, o que acabou se refletindo na formação do professor.

Arte, Palavra de Vários Sentidos.

Diante da realização do nosso trabalho, percebemos o quanto a Arte é aberta a receber vários conceitos. Neste sentido apresentaremos uma variedade de conceitos que buscamos para expor neste artigo e, a posteriori, apresentaremos o nosso conceito. Os conceitos que apresentaremos agora são dos autores que fizeram parte da nossa pesquisa.

Nada existe realmente a que se possa dar o nome de Arte. Não prejudica a ninguém dar o nome de Arte a todas as atividades, desde que se conserve em mente que tal palavra pode significar coisas muito diversas em tempos e lugares diferentes. (GOMBRICH, 1999, p. 15).

Percebemos que Gombrich acredita que toda e qualquer atividade criativa pode ser considerada Arte. Isto levando em consideração que a Arte é uma obra aberta, a interpretação e o significado a depender de cada indivíduo, no tempo e no espaço. Dependendo do grau de desenvolvimento e sensibilidade de cada indivíduo, a arte possibilita aflorar os nossos mais íntimos sentimentos. Neste sentido, para Duarte:

“A Arte é uma chave com a qual abrimos a porta de nossos sentimentos; porta que permanece fechada à nossa linguagem conceitual”.(DUARTE, 1991 p. 62).

Tanto a emoção como a razão são importantes, daí serem fundamentais para a integralidade do ser humano. A Arte, assim, possuindo o poder de dar subsídio ao indivíduo de superar os desafios e limitações que possam existir em sua trajetória. Nesta perspectiva Fischer acredita que:

“A função da Arte não é a de passar por portas abertas, mas a de abrir portas fechadas”.(FISCHER, 1959, p. 238).

Neste sentido, percebemos o quanto a Arte é poderosa, podendo abrir os olhos das pessoas para algo novo que se queira evidenciar ou algo antigo que se queira reforçar, isto acarretando em ganhos ou consideráveis perdas para o homem, alienando-o ou transformando-o, a depender de como ela é utilizada. Francastel afirma que:

“A Arte é um instrumento de propaganda tanto nas mãos dos fracos como na dos poderosos”.(FRANCATEL, 1982, p. 29).

Com isso, percebemos que a propaganda se valendo da Arte, pode incutir nas pessoas o consumismo desenfreado, o individualismo, a competitividade e a valorização do **ter** em detrimento do **ser**, no qual os bens materiais estão acima de tudo. Entendemos, no entanto, que os bens materiais são necessários, porém, a sua importância não devendo chegar a ponto de acirrar as desigualdades sociais que ocorrem atualmente, pois, se analisarmos bem e tivermos a devida consciência do bem comum, percebemos que na verdade não precisamos de tanto para viver. Para que isto ocorra, a propaganda poderia inserir a Arte regida por idéias em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Neste sentido, concordamos com Ana Mae Barbosa quando considera que a Arte é um elemento poderoso, pois, ela abre caminhos para a conscientização social, para a descoberta dos nossos direitos e das nossas obrigações, nos levando a crer no papel transformador que ela exerce em cada um de nós, nos despertando enquanto cidadões em relação aos nossos direitos e deveres diante da sociedade. O poder da Arte também é reforçado por Argan, quando conceitua que:

“A Arte é um produto da civilização “histórica”, é a expressão de um impulso profundo e perene, congênito ao ser humano”.(ARGAN, 1998, p. 16).

Por ser tão antiga quanto a civilização e ser intrínseca ao homem, a Arte é um produto de sua trajetória. Isto nos fazendo perceber o quanto a mesma faz parte de nossas vidas, estando presente no nosso cotidiano, seja através das artes plásticas ou quaisquer outras formas de arte.

Dante do apresentado, vimos que todos os autores com os quais trabalhamos divergem entre si em relação ao que pensam sobre a Arte, nos fazendo perceber a amplitude que a mesma retém e pode refletir, dando margem a vários olhares e, ao mesmo tempo, sendo um campo fértil à imaginação e à criatividade, se traduzindo em diversas interpretações que se

complementam, existindo entre elas um elo de ligação, pois as interpretações evidenciam um ponto em comum que é a busca do homem pelo seu equilíbrio. Isto nos mostra o quanto o conceito da Arte é individual e universal. Assim sendo, nos arriscamos a dizer que a arte dentro da sua importância e do seu poder de unir, revolucionar e transformar, se mostra também perigosa, pois, como vimos no decorrer da história, ela foi utilizada pelo homem tanto para construir, como para dominar. Para confirmar o que acabamos de descrever, lançamos mão de uma citação de Francastel que diz:

“No século XIV, a Igreja Católica empreende uma grande campanha de renovação e propaganda. Para lutar contra a Reforma ela recorre à Arte”. (FRANCATEL, 1965, p. 27).

Diante dos autores pesquisados, nos apropriarmos um pouco do vasto conhecimento que a Arte abrange. Neste sentido, expressaremos aqui um conceito sobre a mesma. Para nós, a Arte é a expressão criativa das idéias originais e transformadoras feitas pelo homem, despertando os sentimentos mais íntimos, abrindo os olhos da humanidade para realidades não compreendidas por alguns.

Diante da magnitude da Arte, seria inconcebível para nós, visualizarmos uma educação sem a mesma. Apesar de fazer parte da educação e de haver alguns avanços em relação à valorização da sua especificidade, esta ainda não goza do mesmo respeito que é atribuído a outras disciplinas. No entanto ela tem um domínio, uma linguagem e um contexto histórico específicos dentro da educação brasileira. Assim sendo, entre as várias linguagens da Arte, focalizamos em nossa pesquisa as Artes Plásticas, pois, as Artes Plásticas tem por definição a manifestação das Artes por meio de elementos visuais e táteis, como desenho, a pintura, escultura, etc. Como bem diz Ana Mae Barbosa:

“A percepção pura da criança sem influência de imagens não existe realmente, uma vez que está provado que 82% de nosso conhecimento informal vem através de imagens.” (BARBOSA, 1991, p. 20).

O nosso interesse em investigar como esta vem sendo desenvolvida nas salas de aulas, se deve muito ao fato de percebermos o quanto somos bombardeados no nosso dia-a-dia pelas imagens, quer seja, pelas propagandas televisivas, gráfica, de outdoors, códigos de trânsitos, enfim, vivemos no mundo das imagens, estas possuindo um grande poder de comunicação, sendo um elemento de extrema importância para o desenvolvimento da aprendizagem da criança. Neste sentido, é fundamental

inserir as Artes Plásticas no ensino, permitindo que o aluno tenha a possibilidade de estabelecer um contato com obras de arte, tanto de artistas locais, como de artistas nacionais e internacionais e, também, realizarem a sua produção seja através de desenhos, pinturas, esculturas, colagens e outras, tendo a possibilidade, também, de fazer leituras e releituras de obras de arte, conhecer a sua história e desenvolver a criticidade. Assim sendo, as Artes Plásticas têm um papel bastante importante no processo de aprendizagem da criança, pois:

“Não se alfabetiza uma criança fazendo apenas com que as mesmas juntem as letras. Paralelamente existe uma alfabetização cultural, sem a qual a letra pouco significa.” (BARBOSA, 1991, p. 27 e 28).

Uma Sucinta Trajetória do Ensino da Arte no Brasil

Historicamente o ensino da Arte em nosso país foi marcado por uma dependência cultural européia, na qual os modelos estrangeiros eram importados e implantados. Com isso, havia uma negação do valor da nossa cultura, ou seja, existia uma valorização da cultura estrangeira em detrimento da nossa.

Com a vinda da missão francesa (1816) fundou-se e pôs-se em funcionamento a primeira Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, por decreto de D. João VI. Essa escola, em sua trajetória, recebeu várias nomenclaturas. Aquela missão tinha como representante maior Joachim Lebreton que pretendia, inicialmente, que esta escola primasse pelo equilíbrio entre a educação popular e a educação burguesa. No entanto, aquela escola, que agora tem o nome de Escola Nacional de Belas Artes, acabou por privilegiar a elite, excluindo as camadas populares do acesso à produção artística, inaugurando assim a ambigüidade existente na educação brasileira, até aos dias atuais, ou seja, o dilema entre educação de elite e educação popular.

Em 1856 foi criada a escola Liceu de Artes e Ofícios de Bethencourt da Silva, e a mesma objetivava desenvolver a educação popular pela aplicação da Arte às indústrias. Apesar dessa conquista, passaram-se alguns anos para que esta educação, incluindo a Arte, obtivesse o respeito e a valorização devida. Na verdade o que vamos constatar em Ana Mae Barbosa, é que:

“A metodologia da Escola Nacional de Belas Artes influenciou grandemente o ensino da Arte a nível primário e, principalmente, secundário, durante os vinte e dois primeiros anos do nosso século.” (BARBOSA, 1991, p. 32).

Tanto no nível primário quanto no secundário, o ensino da Arte nas escolas se limitava ao ensino do desenho. A educação artística incorpora o dilema já existente na Europa entre Arte como criação e como técnica. Alguns liberais a partir dos anos de 1870 e 1880 preconizavam que a educação popular para o trabalho deveria ser o principal objetivo da Arte na escola, iniciando um movimento no sentido de tornar o desenho obrigatório nos ensinos primário e secundário. Neste período, a Arte também estava inserida nas discussões dos republicanos abolicionistas que defendiam a necessidade de uma educação voltada para o povo e para os escravos. Esta educação tinha como objetivo a alfabetização e a preparação para o trabalho, ressaltando assim, a necessidade de um ensino da Arte apropriado para a preparação para o trabalho industrial.

Através do movimento Escola Novista, a educação primária e a escola passaram a ser foco das atenções, onde foi defendida a integração da Arte ao currículo, ou seja, Arte para todos. A sua valorização veio através dos pressupostos teóricos de John Dewey, o qual recomendava a estimulação dos impulsos naturais da criança para o desenho, através de processos mentais de reconhecimento e reflexão. Com base nesses pressupostos, o professor de desenho da Escola Normal do Rio de Janeiro, Nereo Sampaio, defendeu em sua tese, o método espontâneo reflexivo para o ensino da Arte. Este consistia em deixar a criança se expressar livremente, desenhando de memória e posteriormente, analisava visualmente o objeto desenhado e, em seguida, elaborava um segundo desenho, integrado a elementos observados no objeto real, ou seja, desenho espontâneo seguido de apreciação naturalista.

As idéias de Nereo Sampaio influenciaram a reforma educacional de Fernando de Azevedo, no Distrito Federal em 1929, e esta influência vem sendo exercida até hoje em nossas escolas.

A Arte-educação brasileira recebeu influências também da Reforma Francisco Campos (1927 - 1929) em Minas Gerais, que interpretava outra linha de pensamento de Dewey sobre o ensino da Arte, ou seja, a Arte tida como apreciação e como um processo de integração de experiências. A Arte-

educação brasileira também recebeu a influência da metodologia de Perrelet, a qual tinha sido influenciada pelas idéias de Dewey. A proposta metodológica de Perrelet defendia que o ensino do desenho era fundamentalmente a percepção e introjeção apreciativa da função e expressão dos elementos do desenho. Neste sentido, o ensino da Arte incorporou apenas os resultados dos trabalhos desenvolvidos com crianças pela autora Perrelet e não as suas idéias. Surgiu nas escolas o desenho pedagógico que significava sugerir aos alunos que copiassem esquemas de desenhos realizados pelo professor. Daí vêm os desenhos mimeografados.

O desenho pedagógico impedia a livre criação das crianças. Na verdade, as idéias de Dewey originaram várias vertentes e uma outra foi a idéia de Arte como experiência consumatória, ou seja, a Arte como facilitadora da compreensão de conteúdos de outras áreas do conhecimento, que se consolidou com a reforma Carneiro Leão, em Pernambuco, a partir da qual a Arte passou a ser inserida como um auxílio à criança a organizar e fixar noções apreendidas em outras áreas do conhecimento.

Segundo as autoras Fusari e Ferraz:

“Os seguidores do filósofo americano John Dewey procuraram aprofundar suas idéias, partindo de problemas ou assuntos de interesse dos alunos, para assim desenvolver as experiências cognitivas, num aprender fazendo”. (FUSARI e FERRAZ, 1992, p. 27).

Uma escola realmente especializada em Arte para crianças e adolescentes vai surgir a partir de 1930 em São Paulo. Nesta os alunos estudavam música, desenho e pintura, mas, a livre expressão e o espontaneísmo surgiu sob a orientação de Anita Mafaltti. Assim como Anita, Mário de Andrade contribuiu significativamente para a valorização da atividade artística da criança, como linguagem complementar e como exemplo de espontaneísmo expressionista a ser cultivado pelo artista. Em Barbosa encontramos a seguinte afirmação:

“Entre os modernistas brasileiros, Anita Mafaltti e Mário de Andrade iriam desempenhar atividades de grande importância para a valorização estética da Arte infantil e para a introdução de novos métodos de ensino de Arte.” (BARBOSA, 1995, p. 112).

A partir de 1947 surgiram atelieres (oficinas) de Arte para crianças, em algumas cidades brasileiras, como: Curitiba e Recife. Tais atelieres tinham como orientadores os artistas e como objetivo a liberação da expressão da criança sem a interferência do adulto. Em 1948, teve origem a primeira

escolinha de Arte do Brasil, esta, funcionando nas dependências de uma biblioteca infantil do Rio de Janeiro. O objetivo das escolinhas de Arte não difere dos atelieres de Arte, no sentido de deixar a criança expressar-se livremente. No entanto, esta escolinha difere dos atelieres, por oferecer cursos de formação de professores. Estes passaram a ser agentes multiplicadores desse ensino, surgindo, com isso, escolinhas de Arte em todo o país, totalizando 32 delas.

No ano 1958 em vários estados brasileiros, algumas escolas realizaram experiências (a criação de classes experimentais para a formação de arte-educadores), que objetivaram investigar alternativas variáveis para os currículos e programas, determinados como norma geral pelo Ministério da Educação. O que predominou no ensino da Arte das classes experimentais foi a exploração de técnicas estabelecidas pelo professor, fato tão marcante, que os livros de Artes Plásticas produzidos pelos escritores brasileiros, nas décadas de (60 – 70) descreviam estas técnicas.

Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases permitiu a continuidade daquelas experiências que foram realizadas em 1958, porém a introdução da Arte de maneira mais extensiva na escola não se efetivou. Com a ditadura de 1964, os professores, as escolas experimentais e as escolas de educação infantil sofreram perseguições e deixaram de realizar suas atividades. Neste período, o ensino da Arte nas escolas públicas primárias foi dominado pela sugestão de temas relacionados às comemorações cívicas, religiosas e outras festas.

Em 1969 o ensino da Arte passou a fazer parte dos currículos de todas as escolas particulares de prestígio, as quais empregavam como metodologia de ensino, variações dessas técnicas. Nesse período, poucas escolas públicas desenvolviam um trabalho da Arte.

No final da década de 60 e início da década de 70, surgem as escolas especializadas em ensino de Arte. Estas escolas levavam em consideração o desenvolvimento mental da criança, a percepção, a criticidade, a abstração e até mesmo a análise dos elementos do desenho, considerando também o contextualismo social.

Em 1971 a Educação Artística se tornou disciplina obrigatória para os currículos do 1º e 2º graus. Neste mesmo ano, ocorreu a reforma educacional, que estabeleceu um novo conceito de ensino da Arte, o qual preconizava a

polivalência, ou seja, as diversas formas de expressão artística deveriam ser ministradas pelo mesmo professor. Só em 1973 é que foi criado o curso de licenciatura curta em Educação Artística, o qual prepararia o professor para exercer essa polivalência. Este mesmo professor polivalente poderia dar continuidade a seus estudos em uma licenciatura plena, dessa forma, habilitando-o em qualquer forma de expressão artística.

O M.E.C. criou em 1977, o PRODIARTE – Programa de Desenvolvimento Integrado de Arte-educação, dirigido por Lúcia Valentim. Tal programa tinha como objetivo integrar a cultura da comunidade com a escola, mantendo convênios com órgãos estaduais e universidades. O desenvolvimento do ensino da Arte no Brasil muito deve às pesquisas realizadas nas pós-graduações nessas universidades conveniadas. As pesquisas contribuíram enormemente para o ensino da Arte em nosso país, isto ficando evidenciado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) quando cita que:

“As pesquisas desenvolvidas a partir do início do século em vários campos das Ciências Humanas trouxeram dados importantes sobre o desenvolvimento da criança, sobre o processo criador, sobre a Arte de outras culturas. Na confluência da antropologia, da filosofia, da psicologia, da psicanálise, da crítica de arte, da psicopedagogia e das tendências estéticas da modernidade, surgiram autores que formularam os princípios inovadores para o ensino das Artes Plásticas, música, teatro e dança”. (BRASIL PCNs, 1998, p. 21 e 22).

Apenas em 1997 foi que o governo Federal, sob pressões externas, estabeleceu os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte-educação. Salientamos, no entanto, que o mesmo foi alvo de algumas críticas por não ter considerado os trabalhos existentes em relação a Arte-educação.

Em 1988 foi criado o projeto “Arte na Escola”, sob a orientação da professora e diretora do MAC (Museu de Arte Contemporânea) na USP, Ana Mae Barbosa, o qual foi desenvolvido pela fundação IOCHPE - Fundação mantida pela MAXION - Amsted Maxion Fundição e Equipamentos Ferroviários, que abriga o projeto educacional (Arte na Escola). A partir daí é que vai surgir a imagem no ensino da Arte. Neste projeto foi criada uma videoteca sobre artes visuais. Tal projeto tinha como objetivo contribuir para o enriquecimento do ensino básico no país e valorizar a educação artística na escola. Este projeto foi desenvolvido em vários estados brasileiros, tendo como parceiras as universidades, as quais contribuíram para a disseminação do mesmo. Durante o desenvolvimento do projeto, se constatou que o vídeo

associado à metodologia triangular (História da Arte, a leitura da obra de arte e o fazer artístico) instigou alterações no ensino-aprendizagem. Este projeto gerou uma rede, que nada mais é do que um modelo sistemático de organização social, estando aberto para a reorganização e transformação. Esta rede hoje evidencia programas modelares adaptados às necessidades locais e regionais de cada pólo. O projeto Arte na Escola se embasa nos pressupostos conceituais publicados no livro “A Imagem da Arte” de autoria de Ana Mae Barbosa.

A rede costuma ser avaliada sob dois enfoques, os quais seriam referentes à dinamização das ações propostas, à qualidade das ações, como também, seus efeitos nos membros envolvidos e nos meios de atuação. Em Pernambuco, o projeto Arte na Escola tem como pólo a UFPE. Seus organizadores são os Profs. Cid Cavalcanti (SEC/PE), Prof^a Rosa M. Bezerra de Vasconcellos e o Professor Sebastião Gomes Pedrosa. Este projeto tem em sua ação, promover a otimização do ensino da Arte nas escolas da Rede Pública do estado. Constatamos que no nosso estado este projeto está voltado para os arte-educadores das escolas públicas estaduais. Estes professores participam de reuniões mensais, ocorridas em lugares diversos como: UFPE, Fundação Joaquim Nabuco, entre outros. Os mesmos recebem um kit contendo reprodução de obras artísticas em pranchas e lâminas, jornais que trazem experiências em arte e apostilas. Através de um cadastro, os professores podem ter acesso à DVDteca, localizada no CAC da UFPE. Os professores tiveram a oportunidade de entrar em contacto com alguns artistas. No transcorrer das reuniões os participantes elaboraram um projeto a ser vivenciado nas escolas onde atuam. Uma das professoras que tivemos contacto nos mostrou o projeto que elaborou para a sua escola, que tem por título: “Mosaico” (colcha de retalhos), no qual os alunos trabalharam vários conteúdos específicos da Arte para a construção do projeto.

Metodologia

A nossa pesquisa teve como público alvo os professores e alunos do 2º ano do 2º ciclo (4^a série) da Rede Municipal de Ensino do Recife. A nossa delimitação deveu-se ao fato de investigarmos se os alunos das camadas

menos favorecidas têm acesso às Artes Plásticas de maneira significativa, ou seja, que as Artes Plásticas não sejam incluídas no ensino apenas como um ensino compartmentalizado e descontextualizado, a Arte assim, valorizada em sua especificidade como qualquer área do conhecimento. Neste sentido, selecionamos duas escolas pertencentes a comunidades diferentes, que incluem a Arte em sua prática pedagógica, sendo este fator decisivo para a nossa escolha.

Diante do que foi exposto, entendemos que a nossa pesquisa teve um caráter qualitativo, pois, estivemos em contacto com o objeto a ser investigado, não sendo nosso foco o aspecto quantitativo. Assim, a pesquisa qualitativa mostrou-se mais adequada por atender ao que objetivávamos, e, como cita Minayo:

“Aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”, (MINAYO e DESLANDES, 1994, p. 22.).

E, ao nosso ver, como complemento, o fato de também nos permitir “expor a complexidade da vida humana e evidenciar significados ignorados da vida social” (CHIZZOTTI, 1998, p. 78).

Para atender aos nossos objetivos realizamos leituras procurando aprofundarmos nosso conhecimento para fundamentarmos nossa pesquisa.

Para levantarmos elementos que subsidiassem nosso trabalho, realizamos observações em duas turmas, nas quais verificamos a existência de aplicações do objeto pesquisado, “as Artes Plásticas”.

Esclarecemos que a nossa pretensão era realizarmos 4 (quatro) observações em cada turma selecionada. Na turma da professora “A” conseguimos realizar o estabelecido. Porém na turma da professora “B”, só conseguimos realizar 02 (duas) observações, motivadas pela ausência constante da mesma, porém justificada, pois, estivemos na escola a fim de efetivar o nosso trabalho 08 (oito) vezes.

Realizamos também entrevistas com as professoras pesquisadas, nas quais percebemos o conceito que as mesmas possuem em relação à Arte, e a importância que, tanto a professora “A” como a professora “B” atribuem ao ensino da Arte em sua especificidade. A Professora “A” afirma que a Arte é importante na transformação do indivíduo, pois, acredita que valorizando e trabalhando mais com a Arte, diminui a agressividade do aluno, estimulando no

mesmo a criatividade na reutilização dos diversos materiais, podendo essa reutilização ser revertido em uma renda extra. Para a Professora “B”, a Arte é muito importante e a mesma diz que sente prazer em prestigiar as atividades artísticas e procura vivenciá-las.

Segue uma síntese da análise realizada das práticas pedagógicas das professoras observadas.

Perfil dos professores pesquisados		
Professora	A	B
Escola	Escola Municipal Nadir Colaço	Escola Municipal Poeta Paula Bandeira da Cruz
Comunidade	Macaxeira	Ibura – U.R.- 2
Formação	Magistério e Licenciatura em História	Graduada em Pedagogia pela UFPE
Tempo de atuação na rede municipal	18 anos na Rede Municipal de Ensino do Recife	5 anos e meio (sendo 3 anos como estagiária desenvolvendo projetos culturais e 2 anos e meio como professora da Rede Municipal de Ensino do Recife)
Turmas que ministram	2º Ano / 2º Ciclo	2º Ano / 2º Ciclo
Quantidade de alunos por turma e faixa etária	22 alunos / entre 10 e 15 anos	22 alunos / entre 9 e 14 anos
Cursou na sua formação alguma disciplina de Arte?	Sim, durante o magistério	Não
Identificação com a Arte	Se diz apaixonada pela Arte	Se diz apreciadora da Arte

Resultados e Análise da Pesquisa			
Professor		A	B
Observações da prática pedagógica	Pretendidas	4	4
	Realizadas	4	2
Conceito sobre a Arte		É algo prazeroso que se utiliza conhecimentos e técnicas artísticas, transmitindo experiências de vida e a visão de mundo do artista, despertando emoção no expectador.	É uma forma de expressão cultural de um povo.
A inclusão das artes plásticas na prática pedagógica		Se deu por vontade própria, por considerar que a Arte é importante para a Educação, especificamente as Artes Plásticas.	Se deu para atender a proposta da escola, que busca inovar a educação dentro de uma concepção que inclui a Arte.

Resultados e Análise da Pesquisa		
Professor	A	B
Quais os objetivos da prática Pedagógica com a inclusão das Artes Plásticas?	<ul style="list-style-type: none"> • Propiciar que o aluno conheça, valorize e produza Artes Plásticas; • Diminuir a agressividade dos alunos; • Desenvolver a criatividade para que possa produzir algo que se reverta em renda; 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e compreender que a Arte é algo importante para as suas vidas;
A contemplação da interdisciplinaridade entre as Artes plásticas e outras áreas do conhecimento	Realizou a interdisciplinaridade entre as Artes Plásticas, Português, Estudos Sociais e Ciências, onde, a partir de textos sobre ciências e uma fábula, elaboraram trabalhos artísticos. Foram elaborados por exemplo: porta-retratos, bolsas, portá-lápis, árvores de natal, instrumentos musicais, dentre outros, a partir de materiais recicláveis.	Realizou a interdisciplinaridade entre as Artes Plásticas, Português e Estudos Sociais, onde a partir de textos literários, música e poesia, elaboraram desenhos e utilizaram a técnica do origami, e quando tiveram contato com a arte popular e a história da Casa da Cultura.
Valorização dos conhecimentos prévios dos alunos	Valorizavam os conhecimentos prévios dos alunos quando permitiam que os mesmos se colocassem, baseados nas suas experiências, para confeccionar algum trabalho ou realizar outras atividades.	
Mediação na elaboração dos trabalhos artísticos	Havia liberdade para a realização das atividades artísticas. A mediação (esclarecimento de dúvidas, correção na utilização dos materiais), pelo professor, acontecia quando era necessária, podendo ser feita no início ou ao longo da atividade.	
Suas práticas contribuíram para o desenvolvimento da criticidade?	Existiram momentos nos quais os alunos puderam exercitar a criticidade, questionando ou opinando, julgando sobre algo a ser realizado.	
As práticas motivaram a participação do aluno?	Houve um envolvimento considerável nas atividades artísticas realizadas, nas quais os alunos participaram efetivamente.	

Resultados

Ao darmos início à análise dos resultados obtidos com a nossa pesquisa, queremos enfatizar que o período da realização das nossas observações coincidiu com o desenvolvimento, por parte dos professores e alunos pesquisados, dos trabalhos a serem realizados para a feira de conhecimentos e para as comemorações natalinas. As professoras observadas foram indicadas por componentes da direção de suas respectivas escolas. Ficamos

felizes com o que constatamos nas práticas observadas e com as entrevistas realizadas, pois, tanto na professora A, como na professora B, encontramos o objeto do nosso estudo. “As Artes Plásticas” estavam sendo vivenciadas e valorizadas na sua especificidade, como uma área que possui um valor em si mesma, contribuindo, ao nosso ver, para o desenvolvimento intelectual, emocional, artístico e crítico do aluno.

➤ **Observação da Professora A**

Em relação à professora A, percebemos que ela envolve a Arte, especificamente Artes Plásticas, em sua prática pedagógica, por iniciativa própria, isto ficando perceptível em nossas observações e na entrevista realizada, pois esta professora, diríamos, é um diferencial na escola. Realiza a inclusão da Arte em sua prática porque realmente gosta e vivencia e não simplesmente para atender a um currículo estabelecido pela escola. Arriscamos até dizer que esta professora trabalharia com a Arte independente desta ser determinada no Projeto Político Pedagógico.

Observamos que a mesma tinha a disponibilidade em trazer, juntamente com os alunos, materiais para a sala de aula, guardando os trabalhos realizados pelos alunos e ainda transportando esses materiais para casa. Percebemos também que a mesma procurava se atualizar, ampliando sua leitura com livros e revistas direcionados às Artes Plásticas.

Constatamos que a prática era desenvolvida com muita naturalidade, atenção, espontaneidade e dedicação, onde buscava valorizar a Arte, ponto esse fundamental para um trabalho desenvolvido com significado, no qual a professora, em sua práxis, estabelece coerência com os conhecimentos prévios dos alunos, levando em consideração a sua realidade cotidiana. Afirmamos isto pelo fato da professora, ao dar inicio à sua aula, orar com os alunos, algo que julgamos ser também necessário para a formação do indivíduo, pois, a oração pode ser praticada por todos. Em seguida, a mesma colocava uma música suave, estilo *new age*, objetivando o relaxamento e a concentração dos alunos, fazendo exercícios respiratórios antes de iniciar a atividade artística; logo após, a professora escreveu na lousa um texto de ciências que abordava o problema que o lixo pode acarretar ao meio ambiente. Como um dos exemplos, a professora citou o jornal, cuja tinta gráfica utilizada

no mesmo, causa danos ao solo. Neste sentido a professora propôs que realizassem um trabalho sobre a reutilização de materiais recicláveis que são jogados em lugares errados. Durante a aula a professora fez várias inferências sobre o tema e os alunos respondiam citando algo relacionado aos seus conhecimentos prévios. Em seguida, foram confeccionadas, pelos alunos: bolsas de caixa de papelão, porta-lápis e porta-trecos, confeccionados a partir de garrafas pet; porta-retratos elaborados com canudinhos feitos de jornal, etc...

Ao nosso ver, a professora agiu com coerência ao relacionar os conteúdos de ciências com a Arte e, no final da aula, ter tido a preocupação de recolher junto com os alunos, pedaços de jornais, revistas, papelão, que haviam sido jogados no chão, pois, estes materiais serviriam para uma possível reutilização. A professora sempre orientava seus alunos a produzirem seus trabalhos, mas, ao mesmo tempo, dava-os liberdade de vivenciar a sua criatividade, onde cada aluno se sentia livre para criar, dando asas à sua imaginação.

“É praticamente automática a associação que se faz entre Arte e Criatividade; um fenômeno acaba sempre por conduzir ao outro”. (DUARTE, 1988, p. 40).

Assim sendo, por um processo de fazer e refazer, buscando aprimorar pequenos detalhes do seu trabalho artístico, os alunos estavam em construção, dando o melhor de si, contando a todo o momento com a atenção cuidadosa de uma professora que, como deixa transparecer, é apaixonada pela Arte. E a mesma afirmando acreditar no poder que a Arte tem de contribuir para a transformação dos indivíduos e que, ao incluir as Artes Plásticas, percebe que está, não só propiciando aos seus alunos uma aprendizagem melhor, na qual os mesmos se apresentam mais envolvidos, participativos e sensíveis, como também desenvolvendo a criticidade, ou seja, levando os alunos a serem reflexivos e questionadores. Para nós estes pontos são primordiais para uma educação que leve o aluno à reflexão do contexto onde está inserido. A Arte contribuindo para mudar o comportamento do indivíduo. Esta educação se dando de forma mais humanizadora.

Tivemos a oportunidade de observar o desenrolar de uma educação que abriu espaço para a Arte, mais especificamente Artes Plásticas, a qual enfatiza a produção, ou seja, a confecção de trabalhos artísticos com o objetivo de

transformar o “lixo” (materiais recicláveis) em “luxo”, objetos utilitários. Com este trabalho, a professora objetiva levar seus alunos a refletirem sobre a importância da reutilização do lixo para a preservação do meio ambiente e também propicia aos mesmos, criar objetos que sejam revertidos em renda, a qual possa ser utilizada para minimizar a precária situação financeira vivenciada por alguns.

➤ **Observação da Professora B**

Diante das observações que realizamos da prática pedagógica da professora B, obtivemos informações que para nós foram bastante significativas, no sentido de estarmos nos deparando com elementos fundamentais para uma formação que privilegia o intelectual e o emocional do aluno, pois, nos deparamos com uma professora que não só gosta, mas, se sente à vontade em fazer a interdisciplinaridade da Arte com outras disciplinas. A mesma foi sincera em afirmar que a inclusão da Arte em sua prática pedagógica se dá por uma determinação da escola, que tem em sua proposta, a inserção da mesma nas suas atividades pedagógicas, iniciativa louvável, pois, precisamos de mais atitudes como as desta escola e desta professora, para que a Arte, ao ser incluída na formação do indivíduo, desperte neste, a conscientização sobre a importância da mesma para suas vidas. Fazendo nossas as palavras de Zélia Cavalcanti quando diz que:

As crianças brasileiras têm acesso às expressões artísticas de diferentes produtores, através da televisão, dos grafites impressos nos muros, dos artefatos vinculados às festas populares, da Arte primitiva dos produtores mais próximos à comunidade em que vivem e tantas outras fontes de informação. A fonte menos usual, infelizmente, tem sido a escola. (CAVALCANTI, 1995, p. 1).

Então, como vemos, uma das preocupações desta escola é oportunizar seus alunos para que os mesmos conheçam a Arte culturalmente produzida na sua comunidade, como também todo o legado cultural existente, evidenciando para nós que a escola busca valorizar o meio e os conhecimentos prévios do seu alunado.

Afirmamos isto, pelo fato de percebermos que a direção, juntamente com todos os professores, estão empenhados em levar os alunos a vivenciarem a Arte, compreendendo que a mesma faz parte do seu cotidiano e que esta não é algo distante de suas vidas.

Diante desse contexto, visualizamos que a professora desenvolvia sua prática pedagógica articulando bem a Arte com outras áreas do conhecimento, sem deixar de relevar a realidade do aluno.

Percebemos que a professora iniciava suas aulas contemplando, muitas vezes, algumas formas artísticas como: literatura, música, etc..., Mas, culminava sempre nas Artes Plásticas, pois, esta forma de vivenciar a Arte despertava, segundo a mesma, o interesse de seus alunos.

Este fator é fundamental para uma educação que visa superar a fragmentação, pois leva o aluno a compreender que os vários conhecimentos se inter-relacionam. Como bem diz Barbosa:

“A interdisciplinaridade tem como função integrar a colcha de retalhos de competências altamente desenvolvidas e de interesses diversificados e muitas vezes antagônicos.” (Pernambuco. Secretaria de Educação, DSE, 1988, p. 20).

Esta educação dará subsídios para que o aluno não tenha uma visão parcial da realidade e sim uma visão global, portanto, uma educação não alienante, na qual ele possa estabelecer relações e condições de estar intervindo no seu meio e posteriormente na sociedade.

Algo que nos chamou bastante atenção nesta professora foi a preocupação com a avaliação, no que diz respeito não só a avaliação dos alunos, como também à sua auto-avaliação, pois, segundo a mesma, é a partir daí que ela percebe se sua prática está tendo êxito ou não, fazendo-a refletir e agir, realizando as mudanças que ache necessárias, podendo a mesma continuar naquilo que objetivou, refazer, acrescentar ou retirar elementos de sua prática.

Diante da prática pedagógica da professora B, constatamos que a interdisciplinaridade fluía tranqüilamente, na qual a mesma trabalhou várias disciplinas como: História, Ciências, Português e Artes Plásticas.

Antes da realização das atividades envolvendo as Artes Plásticas, a professora juntamente com os alunos fazia um relaxamento com o objetivo de obter a concentração por parte dos mesmos. Uma das atividades consistiu da leitura silenciosa do poema de Manoel Bandeira: “O Bicho”, (do livro – A Aranha e os Outros bichos, ed. Nova Fronteira, organização e apresentação: Carlito Azevedo, ilustrações: Tevais Linhares).

“O bicho não era um cão, não era um gato, não era um rato. O bicho, meu Deus, era um homem”. (BANDEIRA, p. 145).

Após a leitura, a professora convocou os alunos para fazerem a expressão corporal do que haviam compreendido com a leitura, na qual alguns realizaram, e bem.

Em seguida a professora pediu que alguns alunos comentassem sobre o que tinham lido. Feito isto, a professora pediu que os alunos realizassem juntos uma leitura em voz alta de outro poema do mesmo livro, cujo título era: “Quarto Vazio” (que tinha como personagem principal um gato). Após esta leitura, todos em conjunto realizaram a interpretação (expressão corporal), em seguida a professora solicitou que um aluno interpretasse diante da turma.

Como atividade final, a professora distribuiu para os alunos folhas de papel ofício (no formato quadrado), pedindo que os mesmos pensassem em uma cor e depois passou de banca em banca para que os alunos retirassem da caixa a cor pensada.

Feito isso a professora pediu que os alunos pintassem a folha e ela os orientou no passo-a-passo na confecção do origami que dava origem a forma de um gato. A partir daí os alunos usaram a criatividade e cada um desenhou a cara do gatinho de acordo com as suas possibilidades artísticas.

Como atividade para casa, a professora pediu para que os alunos colassem o gato no caderno e criassem um novo texto que poderia ser uma poesia ou um conto e que no dia seguinte seria socializado. Segundo a professora estes textos iriam fazer parte de um livro.

Constatamos que as duas professoras contemplaram as Artes Plásticas em suas práticas pedagógicas, fazendo-se presente o objeto da nossa pesquisa, apresentando-se para nós, como práticas que tentam valorizar a Arte, como também oportunizar aos alunos das camadas menos favorecidas o contato com todo o tipo de legado cultural e artístico, pois, presenciamos o desenvolvimento de atividades como: dança, música, Artes Plásticas e Cênicas e literatura.

No entanto, percebemos que as Artes Plásticas eram as mais contempladas nessas aulas, pelo fato de possibilitar o lúdico, ser um campo propício para o processo de construção de atividades e por ser motivadora e prazerosa para os alunos. Este fascínio que as Artes Plásticas exercem, Souza explica quando diz que:

“O olho e a mão são o pai e a mãe de toda atividade artística; desenhar, pintar e modelar constituem parte da conduta motora humana. As crianças necessitam movimentar-se bastante e eis porque o desenho começa por ser uma atividade lúdica.” (SOUZA, 1968, p. 53).

Neste sentido, percebemos que as duas tentativas foram louváveis, pois, como bem diz Paulo Freire: “ninguém é, estamos sendo”. Diante disso entendemos que as professoras estão num processo natural de construção, no qual buscam se superar, com a intenção de melhorarem suas práticas pedagógicas. Consideramos de extrema importância os trabalhos desenvolvidos pelas duas professoras, pelo fato das mesmas atribuírem espaço, em suas práticas, para a Arte, quando sabemos que historicamente a Arte tem sofrido preconceitos que a impede de conquistar seu devido lugar na educação. Souza enfatiza essa afirmação quando diz que:

“Embora o trabalho artístico seja tão antigo quanto a própria civilização, seu reconhecimento, como fator de educação, é relativamente recente.” (SOUZA, 1968, p. 45).

Diante dessa citação fica claro o reconhecimento que essas professoras possuem em relação à Arte, no qual as mesmas tentam engrandecer sua práxis, enquanto profissionais da educação, na qual diferem, como era de se esperar, em relação à concepção que cada uma possui sobre a Arte. A professora A acredita que “a Arte é algo prazeroso que se utiliza conhecimentos e técnicas artísticas transmitindo experiências de vida e visão de mundo do artista, despertando emoções no expectador” e a professora B julga que “a Arte é uma forma de expressão cultural de um povo”.

Uma das professoras citou a importância da auto-avaliação. Consideramos que através desta, o educador evitárá a ocorrência de erros tão peculiares no processo avaliativo, deixando de cometer possíveis injustiças com o aluno e consequentemente estará sempre revendo o processo ensino-aprendizagem, aprimorando a cada dia a sua prática. Como expressa Adamuz:

O ato de avaliar não pode ser entendido como um momento final do processo em que se verifica o que o aluno alcançou. A questão não está, portanto, em tentar uniformizar o comportamento do aluno, mas em criar condições de aprendizagem que permitam a ele, qualquer que seja seu nível, evoluir na construção de seu conhecimento. A avaliação tem um significado muito profundo, à medida que oportuniza a todos os envolvidos no processo educativo momentos de reflexão sobre a própria prática.

(ADAMUZ, R. C. **Avaliação Educacional: UMA REFLEXÃO.** Disponível em: <<http://www.unopar.br/portugues/revfonte/artigos/7avaliacao/7avaliacao.html>>. Acesso em:12 jan. 2007.)

Entendemos que a avaliação, por fazer parte do nosso dia-a-dia, se constitui em um elemento essencial para a tomada de decisões, mais

especificamente no ambiente escolar, no que tange ao aluno e ao professor, este devendo ser criterioso, tendo em vista que o aluno é um ser social e político, construtor do seu próprio conhecimento, com capacidades de estabelecer relações cognitivas e afetivas com o seu meio. Daí, acreditarmos numa educação que valorize o intelectual e o emocional.

Conclusão

Iniciando a nossa conclusão, nos permita ousar, nos fazendo valer de uma outra modalidade artística, na qual apresentaremos um trecho da letra de uma música que tem por título: “Comida”, dos compositores: Arnaldo Antunes – Marcelo Fromer – Sergio Britto, do grupo Titãs, no desejo de fazer nossas as suas palavras. **“A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”.**

Como acabamos de citar, os gritos são lançados no desejo e na vontade, clamando a necessidade do alimento, não só para o corpo como também para a alma e nos perguntamos enquanto futuras educadoras, porque não “alimentarmos” melhor a alma dos nossos alunos, se somos detentores de tantas possibilidades para levar a isso?

Na verdade, diríamos que já tínhamos a visão devida da importância que a Arte exerce na Educação de qualquer pessoa, quer seja esta formal ou informal. Com a nossa pesquisa e leitura, aquela só foi confirmada, reforçada e ampliada, nos levando inclusive a refletir sobre o papel fundamental e a responsabilidade que possui cada educador em estar despertando e se apropriando desse conhecimento, buscando fazer parte, digamos, de uma corrente que acredita numa educação que não relega a afetividade, que tem ciência e porque não dizer, a convicção de que somos corpo e alma e, portanto, valorizemos o intelectual e o emocional, pois, como vimos em Duarte, esta separação é irreal:

“Em certo sentido, estamos vivendo uma civilização racionalista, na qual se pretende separar a razão dos sentimentos e emoções, encontrando-se na primeira o valor máximo da vida. Ocorre que essa separação é ilusória.” (DUARTE, 1991, p. 31).

Com certeza a Arte cumpre muito bem este papel, através de qualquer modalidade artística, quer seja, música, dança, artes plásticas, artes cênicas, literatura, etc. Diante do que expusemos, nos mostramos, enquanto futuras

educadoras, crentes numa educação que persiga e contribua para a formação de seres melhores, pessoas mais conscientes que podem se fazer o bem e compartilhar este bem com as outras pessoas. Salientamos, no entanto, que diante das experiências vividas, não é fato de simplesmente se incluir as Artes (especificamente Artes Plásticas) que a transformação se dará como um passe de mágica, pois, sabemos que tanto na Arte como em qualquer outra disciplina, o fundamental é a atitude do professor diante de seu aluno, na qual esse possa se mostrar um professor sensível, perceptivo e coerente com a sua prática, tendo para si bem definida a sua filosofia de vida, enquanto educador. Neste sentido acreditamos que as professoras observadas em nossa pesquisa estão caminhando para uma educação que se pretende: INTEGRALIZADORA. Dizemos caminhando, por que sabemos que faz parte deste processo, os erros e acertos. Os erros podendo ser identificados e corrigidos a partir da auto-avaliação, preocupação esta que constatamos nas duas educadoras.

Queremos registrar aqui que sentimos que um estudo voltado para a Arte requer um tempo maior, devido à grandeza e à profundidade que a área exige. Este tempo, no entanto, não devendo ficar restrito a apenas alguns meses. E, em relação ao período que fomos para a pesquisa de campo, achamos que não foi muito favorável, pois, coincidiu com os festejos natalinos e o recesso escolar. Apesar disto, conseguimos com a nossa pesquisa, adentrar um pouco no universo da Arte, conhecer e compreender como as Artes Plásticas estavam sendo vivenciadas nas duas salas de aula que observamos. Isto nos deixando bastante satisfeitas, pois, encontramos duas práticas que incluíam o nosso objeto de estudo, nas quais privilegiaram mais a técnica voltada a desenhos, pinturas e confecção de elementos tridimensionais.

Foi interessante percebermos que os objetos de cada professora traduz um pouco os conceitos que as mesmas têm sobre a Arte, nos mostrando que, normalmente, o conceito que se possui sobre algo, acaba por refletir-se na prática. Queremos ressaltar que este trabalho foi gratificante por ter ampliado o nosso conhecimento sobre a Arte e especificamente Artes Plásticas e ainda ter nos levado a adentrar no universo da pesquisa.

Finalizando, somos gratas a todos que de alguma forma contribuíram para nossa formação e esperamos com esse trabalho estar contribuindo para a formação de outros.

Bibliografia

ADAMUZ, R. C. **Avaliação Educacional: UMA REFLEXÃO**. Disponível em: <<http://www.unopar.br/portugues/revfonte/artigos/7avaliacao/7avaliacao.html>>. Acesso em: 12 jan. 2007.

ARGAN, Giulio Carlo.. **História da arte como história da cidade**. 2.ed.-. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 280 p. ISBN 8533604696 (broch.)

BANDEIRA, Manoel, 1886-1968.. **A Aranha e Outros Bichos** / Manuel; seleção Carlito Azevedo; capa e ilustrações Tevais Linhares – ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos.. **A imagem no ensino da arte** anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 1991. 134 p.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte Educação no Brasil. (Debates)** 3. ed. -. São Paulo: Perspectiva, 1995.. 132 p. ISBN 8527301725 (broch.)

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Teoria e prática da educação artística**. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1985. 115 p.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental.. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: arte. Brasília: MEC/SEF, 1998. 116 p. vol. 6, ISBN (broch.).

CAVALCANTI, Zélia.; SZPIGEL, Mariza.; IAVELBERG, Rosa.; CARMONA, Yara.. **Arte na sala de aula**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 79p.

CHIZZOTTI, Antonio.. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. -. São Paulo: Cortez, 1998. 164 p. - ISBN 8524904445: (broch.)

DUARTE JUNIOR, João Francisco.. **Por que arte-educação?**. 6. ed. -. Campinas (SP): Papirus, 1991. 85 p

FISCHER, Ernest, 1899-1972.. **A necessidade da arte.** 6. ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 1977, c1959. 254p. - ((Arte, comunicação, cinema, teatro))

FRANCATEL, Pierre, 1905-1970.. **A realidade figurativa.** São Paulo: Perspectiva, 1982. 449p. ((Estudos; 21))

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e.; FERRAZ, Maria Heloisa Correa de Toledo.. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 1993. 151p. ((Coleção magistério 2. grau. Serie formação geral))

GOMBRICH, E. H.. **A história da arte.** 16.ed. Rio de Janeiro: LTC, c1999. 688p. ISBN 8521611854 (broch.)

MINAYO, Maria Cecília de Souza,; DESLANDES, Suely Ferreira.. **Pesquisa Social teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994. 80p. ISBN 85-326-1145-1 (Broch.)

Pernambuco. Secretaria de Educação, DSE/ Departamento de Cultura.. **Arte-Educação: Perspectivas.** Recife: CEPE, 1988. 160p

SOUZA, Alcídio Mafra de. **Artes plásticas na escola.** Rio de Janeiro: Bloch, 1968. 150p.

Apêndice

Roteiro de entrevista do Professor

Escola:

Nome do professor:

Formação:

- 1) Há quanto tempo atua na área da Educação?
- 2) Se sente seguro e autônomo para exercer a polivalência nas séries iniciais do ensino fundamental?
- 3) Dentro dessa polivalência, qual a disciplina que você se identifica mais?
- 4) Como você desenvolve a interdisciplinaridade em sala de aula?
- 5) Qual o valor que você atribui a Arte?
- 6) Quais são os recursos da Arte que você mais contempla em sala de aula?
- 7) Você encontra alguma dificuldade em interdisciplinar a Arte com outras áreas do conhecimento?
- 8) Você estimula seus alunos a entrarem em contacto com alguma forma de Arte fora da escola?
- 9) Você acredita que suas aulas contribuem de maneira significativa para que os alunos reflitam sobre a importância da Arte em suas vidas?
- 10) Diante da sua experiência, esta prática pedagógica tem se mostrado eficiente no ensino-aprendizagem? Você percebe que o aluno se apresenta mais estimulado e envolvido em sala de aula?
- 11) O que você entende por Arte?